

O super hormônio (CILENE PEREIRA e MONIQUE OLIVEIRA)



Recentes estudos provam que a melatonina faz muito mais do que ajudar a dormir. Entre outros benefícios, ela auxilia no emagrecimento, combate a diabetes, controla a enxaqueca e protege contra os danos do mal de Alzheimer

UMA substância fabricada naturalmente pelo organismo está despontando das pesquisas científicas como uma espécie de super-remédio. De acordo com estudos realizados em todo o mundo, a melatonina, hormônio responsável pela indução ao sono, é eficaz contra uma ampla gama de enfermidades. Só para se ter uma ideia, ela ajuda a emagrecer, protege contra os danos causados pelo acidente vascular cerebral, auxilia no controle da hipertensão e da diabetes e reduz as crises de enxaqueca. Um dos últimos benefícios descobertos foi o de diminuir a queda de cabelo provocada por causas genéticas, a alopecia androgenética, conhecida como calvície masculina.

Ainda não se sabe ao certo quais são os mecanismos que levam a esse espectro tão grande de atuação. O que se descobriu recentemente e que ajuda a entender parte desse fenômeno foi que existem receptores sensíveis à ação do hormônio em todo o organismo. Produzida pela glândula pineal – localizada no cérebro – na ausência da luz, até pouco tempo acreditava-se que a substância agisse basicamente sobre os centros cerebrais envolvidos no controle do relógio biológico, estimulando o sono. Por essa razão, suas indicações mais conhecidas eram contra a insônia e outros distúrbios associados ao sono, como o jet lag.



HERANÇA - Regina constatou que o hormônio passa de mãe para filho pelo leite materno

A descoberta de suas outras funções foi gradativa. Hoje, uma das áreas nas quais é possível encontrar conhecimento mais sólido a esse respeito é a do câncer. A relação entre a melatonina e a doença começou a ser mais investigada quando surgiram indicações de uma associação entre o risco aumentado para a enfermidade e o trabalho noturno. A última delas foi divulgada há poucas semanas na edição online do "British Medical Journal", uma das mais importantes publicações científicas do mundo. Realizado no Queen's University, no Canadá, um levantamento mostrou que mulheres que trabalharam em turnos noturnos por mais de 30 anos apresentaram duas vezes mais chances de desenvolver tumor de mama.



Outra, divulgada no “American Journal of Epidemiology”, indicou a associação entre homens trabalhadores noturnos a risco elevado para câncer de próstata, pulmão, bexiga, reto, pâncreas e linfoma não Hodgkin. Os resultados levantaram a hipótese de que a ligação entre as duas coisas – trabalho noturno e câncer – fosse a baixa produção de melatonina. “A exposição à luz, mesmo à noite, pode induzir a um desequilíbrio na regulação biológica que propicia o desenvolvimento de tumores”, disse à ISTOÉ a cientista Marie-Élise Parent, que comandou o estudo com os homens.

Outros experimentos avançaram na elucidação da questão. Apontaram

que de fato o hormônio impede o crescimento das células tumorais, e por caminhos diversos. “Ele protege o material genético das células”, afirmou à ISTOÉ Antonio Soriano, da Universidade de Granada, na Espanha, autor de uma revisão recente sobre o tema. Entre outras ações, a melatonina impede que as células sofram com o estresse oxidativo – processo que danifica o DNA – e ajuda a interromper a formação de novos vasos sanguíneos destinados a alimentar o tumor.

Mecanismos como esses contribuem para explicar, por exemplo, o resultado obtido pelos pesquisadores da Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto (SP) em relação aos efeitos do composto sobre o câncer de mama. Em animais, a substância reduziu pela metade a forma mais comum da doença. Além disso, o hormônio atenua efeitos colaterais da quimioterapia. Na Universidade de Granada, os cientistas criaram um gel à base de melatonina para proteger as mucosas do aparelho gastrointestinal da inflamação decorrente do uso de quimioterápicos.

Sua ação sobre doenças neurológicas e psiquiátricas também parece expressiva. O neurologista Mario Peres, da Universidade Federal de São Paulo, concluiu um trabalho no qual ficou demonstrada sua eficácia contra a enxaqueca. O médico comparou por dois anos a eficiência e a tolerabilidade da suplementação de melatonina ao uso da amitriptilina, antidepressivo receitado para prevenção das crises, e ao placebo. Participaram 196 pessoas, com dois a oito episódios de crises por mês. O médico observou redução de 2,7 pontos no uso de analgésicos e na frequência e na intensidade das crises entre os que usaram melatonina; de 2,1 entre os que tomaram amitriptilina; e de 1,1 nos que usaram placebo. “E ela não causou sonolência diurna, ganho de peso, boca seca e outros efeitos observados com o antidepressivo”, explica Peres.

Dos EUA vieram informações sobre efeitos de proteção aos neurônios, algo importante, por exemplo, para impedir mais danos após acidentes vasculares cerebrais. Uma pesquisa da Universidade do Sul da Flórida revelou de que maneira a substância ajuda nessa tarefa. Uma de suas ações é estimular que células-tronco se especializem em neurônios, auxiliando, indiretamente, a repovoar áreas nas quais houve morte neuronal.

“O POTENCIAL TERAPÊUTICO DA MELATONINA É MUITO GRANDE”

Sergio Klepacz, psiquiatra e psicofarmacologista, de São Paulo

MÚLTIPLA AÇÃO

Confira o que revelam algumas pesquisas recentes sobre a ação da melatonina nos casos de:

Obesidade

Estudos italiano e espanhol constataram, em animais, que a substância reduziu a ingestão de comida e o peso corporal e melhorou o metabolismo das gorduras. Outro trabalho, na Itália, mostrou que um antidepressivo que atua sobre o hormônio diminuiu a compulsão noturna de um paciente por comida e melhorou seu humor. Em três meses, ele perdeu 5,5 quilos



Insônia

A Associação Britânica de Psicofarmacologia elegeu a substância como primeira opção de tratamento para indivíduos com mais de 55 anos que sofrem de insônia

Câncer

Várias pesquisas confirmam que o hormônio ajuda a inibir o crescimento de tumores. Uma de suas ações é impedir que novos vasos sanguíneos surjam para alimentar as células tumorais. Também diminui os desconfortos causados pela quimioterapia – na Espanha, por exemplo, cientistas patentearam um gel à base de melatonina que protege contra a inflamação nas mucosas do aparelho digestivo provocada pelos quimioterápicos



Enxaqueca

Em estudo brasileiro, comparada à amitriptilina (antidepressivo usado para a prevenção de crises) e ao placebo, reduziu a incidência das crises e foi mais bem tolerada

Acidente Vascular Cerebral

Trabalhos apontam efeito protetor. O hormônio reduz a inflamação e o edema cerebral, melhora a coordenação motora e atenua a ansiedade, entre outros efeitos. Entre as razões para os benefícios, estão seu poder de impedir a morte celular e reduzir o estresse oxidativo das células (processo que acelera sua degeneração) e também de estimular a diferenciação de células-tronco em novos neurônios



Alzheimer

Experimentos realizados em animais apontaram que ela retardou o avanço da enfermidade. Um deles, feito na Espanha, concluiu que a substância protege contra a degeneração dos neurônios





Glaucoma e Catarata

Experimentos realizados em cobaias demonstraram benefícios contra o estresse oxidativo das células dos olhos e também efeitos neuroprotetores



Hipertensão

Tem efeito principalmente sobre a alta de pressão arterial que ocorre à noite. Uma revisão de estudos sobre o tema confirmou sua eficácia quando administrada sob controle médico. Descobriu-se ainda que a droga propranolol, um anti-hipertensivo comum, interrompe a produção do composto, alterando o ritmo de sono. Pacientes sob tratamento com a medicação seriam candidatos à suplementação



Depressão

Há uma nova classe de antidepressivos com atuação nos receptores de melatonina. São os que têm o princípio ativo agomelatina. Uma pesquisa americana, por exemplo, concluiu que a medicação deve ocupar lugar de destaque no tratamento da doença



Diabetes

É conhecida sua relação com a doença. Quanto menor a concentração de melatonina, maior o risco para a enfermidade. Também foi descoberto que alterações genéticas que interferem na produção do hormônio estão associadas ao aumento do risco de desenvolver o tipo 2 da doença

Esclerose Lateral Amiotrófica (ELA)

Pesquisa recém-publicada demonstrou que injeções do hormônio em animais retardaram a progressão da enfermidade e prolongaram a vida das cobaias. Também houve menos degeneração dos neurônios motores e da medula espinhal

Alopecia Androgenética

(queda de cabelo por causa genética) Cinco estudos em humanos registraram sua eficácia (usada de forma tópica). Em um deles, com mais de 1,8 mil participantes, o índice de pacientes com vulnerabilidade à queda fácil de cabelo caiu de 61% para 7,8% após três meses de uso

“A melatonina protege contra danos cerebrais e déficits de comportamento resultantes do acidente vascular cerebral. Por esses motivos, vislumbramos seu uso clínico contra o problema”, disse à ISTOÉ Cesario Borlongan, coordenador do trabalho. Benefícios semelhantes foram observados contra o mal de Alzheimer. Pesquisa da Universidade de Barcelona, feita em cobaias, mostrou que uma dose diária do hormônio, combinada a exercício físico, retardou a progressão da enfermidade. “Os resultados foram extraordinários. O hormônio aumenta a capacidade de o neurônio se defender de danos”, disse à ISTOÉ o fisiologista Dario Acuña Castroviejo, líder do estudo. “Como sua produção natural costuma cair depois dos 40 anos, recomendo a suplementação a partir dessa idade.”



SEM DOR- Pesquisa do neurologista Peres mostrou que a melatonina diminui a frequência e a intensidade das crises de enxaqueca

Na Itália, há pesquisas em curso a respeito do papel do hormônio sobre a depressão. Sabe-se que, na presença da doença, o ritmo circadiano, mediado pela substância, encontra-se alterado. Um novo tipo de antidepressivo – a agomelatina – entrou no mercado com o objetivo de atuar sobre a melatonina e ajudar a regular o relógio biológico. No Instituto Nacional de Saúde italiano, cientistas buscam entender como o remédio atua. “Há interações que o tornam eficiente. E acredito que os suplementos de melatonina devem ser usados com os antidepressivos, para melhorar a qualidade do sono dos pacientes”, ponderou à ISTOÉ Domenico De Berardis, coordenador do trabalho.

Por se tratar de um hormônio envolvido em operações básicas do organismo, a melatonina também tem ação sobre o metabolismo – propriedade que a torna eficaz para a perda de peso, segundo várias pesquisas. Uma delas foi feita na Universidade de Granada, com animais, e revelou perdas consideráveis entre as cobaias submetidas à suplementação. “O resultado dá suporte à proposta da administração do hormônio para tratar o excesso de peso em humanos”, escreveram os pesquisadores.

Seus colegas italianos identificaram mecanismos pelos quais ocorre o emagrecimento. Segundo experimento da Università Politecnica delle Marche, entre outros efeitos, o hormônio reduz a ingestão de comida porque estimula a atividade de moléculas envolvidas na supressão do apetite. Além disso, outro trabalho, feito também na Itália, demonstrou que a melatonina auxilia no controle da compulsão por comer à noite. Experiência feita com um paciente tratado com a medicação agomelatina terminou com uma perda de 5,5 quilos após três meses de uso. Os desdobramentos desse tipo de estudo ajudarão a entender, por exemplo, por que os obesos têm menos melatonina do que as pessoas com peso normal.

CONTRAINDICAÇÕES E SEGURANÇA

Seu uso é considerado seguro. Ela não é indicada, entretanto, para gestantes e mães em fase de amamentação, pela ausência de estudos confiáveis nessas populações

Dose recomendada:
máximo de

5 mg
por dia



DUPLO BENEFÍCIO

A musicista Nívia Quadros, 63 anos, de Salvador, começou a tomar melatonina para controlar o sono até descobrir-se com um câncer de mama. “Pesquisei e vi que tinha ação contra a doença”, explica. “Aumentei a dose.” Nívia tratou o tumor com remédios anticâncer e hoje mantém sob controle um nódulo no pulmão. E continua usando a melatonina para dormir melhor.



SONO PROFUNDO

A professora universitária Flávia Lobão, 31 anos, de Santa Catarina, usa um suplemento do hormônio para driblar a insônia. "Tomo uma pílula meia hora antes de adormecer. Consigo dormir cinco horas de um sono de ótima qualidade", diz. "Fiquei também mais disposta", comenta. Flávia compra em um site americano um frasco com 60 comprimidos de 5 mg. Paga US\$ 7.

No Brasil, o endocrinologista Bruno Halpern, coordenador da Liga de Diabetes do Hospital das Clínicas da Universidade de São Paulo (USP), está concluindo um projeto de pesquisa para investigar como se dá a ação do hormônio sobre a gordura marrom, chamada de gordura que emagrece. Ela se deposita na região do pescoço, abaixo da clavícula e ao longo da espinha e tem como função gerar calor, o que é feito a partir da queima de calorias armazenadas – é por essa razão que leva à perda de peso. "O estudo será feito com pessoas que produzem pouca melatonina. A ideia é comprovar a menor ativação do tecido marrom nessas condições", diz o médico. Entre os indivíduos com produção reduzida da substância estão aqueles expostos a mais luz à noite.

Já no Instituto de Ciências Biomédicas da USP, os estudos pretendem elucidar como a melatonina influencia o metabolismo energético e repercute na manifestação da diabetes. "Ela potencializa a ação da insulina", diz o pesquisador José Cipolla. A insulina é o hormônio que possibilita a entrada, nas células, da glicose circulante na corrente sanguínea. Quando sua produção é baixa ou sua atuação é prejudicada, acumula-se açúcar no sangue, caracterizando a diabetes. "A redução da melatonina intensifica o quadro diabético", completa o cientista brasileiro. Estudo da Universidade de Harvard (EUA), confirma a relação. Foram selecionadas 370 mulheres com diabetes tipo 2 e outras 370 saudáveis. Nas portadoras da enfermidade, os níveis do hormônio eram significativamente menores.

Motivados por evidências como essas, pesquisadores de cinco laboratórios internacionais criaram a rede MELABETES. Uma das metas é aprofundar as investigações, principalmente sobre o que

leva alguns pacientes diabéticos a apresentarem menor concentração de melatonina. "Podemos ajudar essas pessoas dando a elas suplementos do hormônio", explicou à ISTOÉ Ralf Jockers, da Université Paris Descartes, na França, organizador da iniciativa. "Mas isso deve ser feito em conjunto com o médico."

No laboratório comandado pela pesquisadora Regina Markus, na USP, descreveu-se que a melatonina pode ser um dos motivos dos benefícios da amamentação. "Encontrei uma maneira de medir sua concentração no leite materno. Descobrimos que uma das principais razões da importância do aleitamento materno é que, por meio dele, a melatonina passa de mãe para filho", diz Regina.

No Brasil, o hormônio não possui registro de comercialização na Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Mas não é proibido, o paciente pode importá-lo. No entanto, os cientistas defendem sua maior disponibilidade por aqui. "Temos todas as evidências para que ela seja utilizada e vendida no País", diz Regina Markus. "Ela deveria ser comercializada ao menos como remédio", diz Mario Peres. "É necessário que seja suplementada no idoso, já que sua produção diminui com a idade", diz José Cipolla.



ACESSO - O cientista Cipolla defende que seja feita uma suplementação para as pessoas mais velhas

Por enquanto, não é o que pensa o Conselho Federal de Medicina. A entidade faz uma restrição ao seu uso como recurso antienvhecimento. Publicou uma resolução na qual determina que "são vedados no exercício da medicina" alguns recursos antienvhecimento usados "com a finalidade de triagem, diagnóstico ou acompanhamento de doenças relacionadas ao envelhecimento". Entre eles está a melatonina. O médico que desobedecer a norma pode ser advertido ou até perder o registro profissional. "Não há evidência científica do efeito antienvhecimento da melatonina. Os estudos são experimentais", diz Rubens França, membro do CFM.

Na opinião de médicos atualizados, que acompanham de perto os avanços sobre o tema, isso não é verdade. "É o momento de se repensar o potencial terapêutico da melatonina. Ele é muito grande. É hora de reabilitá-la no arsenal de tratamento", afirma o psiquiatra e psicofarmacologista Sergio Klepacz, de São Paulo, autor do livro Equilíbrio Hormonal e Qualidade de Vida. Na Europa e nos EUA, esse poder já foi reconhecido há algum tempo. No continente europeu, o hormônio é vendido como remédio e, nos Estados Unidos, como suplemento alimentar.

Fotos: Kelsen Fernandes; Gabriel Chiarastelli; PEDRO DIAS/Ag. Istoé; Anderson Christian; Masao Goto Filho /Ag. IstoÉ; Rafael Hupsel/Agência Istoé

CILENE PEREIRA e MONIQUE OLIVEIRA são Jornalistas e escrevem periodicamente para esta publicação. **Revista ISTO É, Agosto de 2013.**

"Cura gay", modesta contribuição (FREI BETTO)

"**SE UMA** pessoa é gay, procura Deus e tem boa vontade, quem sou eu, por caridade, para julgá-la? O catecismo da Igreja Católica explica isso muito bem. Diz que eles não devem ser discriminados, mas integrados à sociedade. O problema não é ter essa tendência. Não! Devemos ser como irmãos. O problema é fazer lobby."

São palavras do papa Francisco ao deixar o Brasil, no voo entre Rio e Roma. A mensagem é esperançosa, mas, ao contrário do que o papa diz, o problema no Brasil é o lobby antigay, liderado pelo deputado federal Marco Feliciano (PSC-SP), presidente da Comissão de Direitos Humanos e Minorias da Câmara. Deputados que consideram a homossexualidade uma doença propõem a "cura gay". Querem alterar a resolução do Conselho Federal de Psicologia que impede seus

profissionais de tratar homossexuais como doentes. O que é um gay? Como diz a palavra inglesa, é uma pessoa alegre. Se os homossexuais são felizes, por que submetê-los à terapia?

Terapia é própria para obsessivos, como é o caso de quem odeia constatar que homossexual é uma pessoa feliz. Isto sim é doença: a homofobia, aliás, como toda fobia. E há inúmeras: desde a eleuterofobia, o medo da liberdade que, com certeza, caracteriza os fundamentalistas, até a malaxofobia, o medo de amar sobretudo quem de nós difere. Sugiro aos deputados cortar o mal pela raiz: proibir a promíscua narrativa de "Branca de Neve e os Sete Anões", a relação pedófila entre o lobo mau e a Chapeuzinho Vermelho e, na Bíblia, o relato da íntima ligação entre Jônatas e Davi, aquele que "ele amava como a sua própria alma". (1 Livro de Samuel, 18).

Segundo censo do IBGE, há no Brasil 60 mil casais assumidamente gays. São pelo menos 120 mil pessoas que, em princípio, deveriam ser "submetidas a tratamento". Considerando que a Parada de Orgulho LGBT reúne, em São Paulo, cerca de 4 milhões de pessoas, haveria que construir uma clínica do tamanho de 50 Maracanãs para abrigar toda essa gente. O processo terapêutico certamente teria início com uma sessão de exorcismo, já que, no fundo, a obsessão fundamentalista considera a homossexualidade muito mais coisa do demônio do que doença.

Outra sugestão é comprar um armário para cada gay e obrigá-lo a ficar lá dentro. Dizem os moralistas que qualquer um tem direito de ser gay, não deve é sair do armário. Imagino que, terminado o processo de "cura gay", haverá uma grande Parada de Ex-Gays subindo a rampa da Câmara em Brasília para agradecer aos deputados que, iluminados, aprovaram a medida. Ainda que todos os gays sejam confinados na clínica dos deputados, de uma coisa não poderão se queixar: será divertido contar ali com shows de Daniela Mercury e sir Elton Hercules John.

Saiba Feliciano que Alan Chambers, ex-presidente da associação Exodus International, destinada a curar gays, declarou em junho deste ano que também é gay, pediu perdão pelos sofrimentos causados a homossexuais e fechou a entidade. À luz do Evangelho, o melhor é seguir o conselho de santo Agostinho: "Ama e faz o que quiseres." Ou, como diz Francisco, sejamos todos irmãos.

CARLOS ALBERTO LIBANIO CHRISTO, 68, o Frei Betto, é assessor de movimentos sociais e escritor, autor de "O que a Vida me Ensinou" (Saraiva). **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Julho de 2013.**

A espiritualidade das pedras (LUIZ FELIPE PONDÉ)

MEU DEUS, como ter um "eu" cansa! Os místicos têm razão. Não é necessário ser um "crente" para ver isso, basta ter algum senso de ridículo para ver o quão cansativo é satisfazer o "eu". E a modernidade é toda uma sinfonia (ou melhor, uma "diafonia", contrário da sinfonia) para este pequeno "eu" infantil.

Outro dia, contempilava pessoas num aeroporto embarcando para os EUA com malas vazias para poder comprar um monte de coisas lá. Que vergonha. É o tal do "eu" que faz isso. Ele precisa comprar, adquirir, sentir-se tendo vantagem em tudo. O "eu" sente um "frisson" num outlet baratinho em Miami. O mundo faz mais sentido quando ele economiza US\$10. E o pior é que, neste mundo em que vivemos, faz mesmo sentido. Qualquer outra forma de sentido parece custar muito mais do que US\$ 10.

A filosofia inglesa tem uma expressão muito boa que é "wants", para se referir a nossas necessidades a serem satisfeitas. Poderíamos traduzir de modo livre por "quereres". O "eu" é um poço sem fundo de "wants". Isso me deprime um tanto. Como dizia acima, a modernidade é toda feita para servir ao pequeno autoritário, o "eu": ele exige mais sucesso, mais autoestima, mais saúde, mais dinheiro, mais beleza, mais celulares, mais viagens, mais consumo, mais direitos, mais rapidez, mais eficiência, mais atenção, mais reconhecimento, mais equilíbrio, melhor alimentação, mais espiritualidade para que ele não se sinta um materialista grosseiro.

Outra demanda do "eu" que enche o saco é querer se conhecer. Você conhece coisa mais chata do que alguém que tira um final de semana para fazer um workshop de autoconhecimento e aí vai para jardins "fakes" na Raposo? E pior, quem tira seis meses para se conhecer depois dos 40 anos e acha legal? O autoconhecimento só é sério quando deságua em autoironia. O império do "eu" se revela quando vivemos pela angústia de torná-lo "resolvido". Nada é mais típico dessa angústia estéril do que alguém sempre atento às próprias dores.

Outra armadilha típica do mundinho do "eu" é a idolatria do desejo. A filosofia sempre problematizou o desejo como modo de escravidão, e isso nada tem a ver com a dita repressão cristã (que nem foi o cristianismo que inventou) do desejo. Problematizar o desejo tem mais a ver com um conhecimento sutil, fruto da experimentação que a realização do desejo sem idealizá-lo traz. A idealização do desejo é marca da condição adolescente ou reprimida. O "eu" falante inunda o mundo com seu ruído. O "eu" mais discreto tece um silêncio que desperta o interesse em conhecê-lo. Mas hoje vivemos num mundo da falação de si, como numa espécie de contínuo strip-tease da alma. O corpo nu é mais interessante do que a alma que se oferece. Por isso toda poesia sincera é ruim (Oscar Wilde). O "eu" deve agir como as mulheres quando fecham as pernas em sinal de pudor e vergonha.

A alta literatura espiritual, oriental ou ocidental, há muito compreende o ridículo do culto ao "eu". Uma leveza peculiar está presente em narrativas gregas (neoplatonismo), budistas (o "eu" como prisão) ou místicas (cristã, judaica ou islâmica). Conceitos como "aniquilamento" (anéantissement, comum em textos franceses entre os séculos 14 e 17), "desprendimento" (abegescheidenheit, em alemão medieval) e "aphalé panta" (grego antigo) descrevem exatamente esse processo de

superação da obsessão do "eu" por si mesmo. A leveza nasce da sensação de que atender ao "eu" é uma prisão maior do que atender ao mundo, porque do "eu" nunca nos libertamos quando queremos servi-lo. Ele está em toda parte como um deus ressentido.

Por isso, um autor como Nikos Kazantzakis, em seu primoroso "Ascese", diz que apenas quando não queremos nada, quando não desejamos nada é que somos livres. Muito próximo dele, o filósofo epicurista André Comte-Sponville, no seu maior livro, "Tratado do Desespero e da Beatitude", defende o "des-espero" como superação de uma vida pautada por expectativas. Entre as piores expectativas está a da vida eterna. Espero que ao final o descanso das pedras nos espere. Amém.

LUIZ FELIPE PONDÉ é filósofo, escritor e ensaísta, doutor pela USP, pós-doutorado em epistemologia pela Universidade de Tel Aviv, professor da PUC-SP e da Faap, discute temas como comportamento contemporâneo, religião, niilismo, ciência. **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Julho de 2013.**

De volta para a escola (ROSELY SAYÃO)

NOS PRÓXIMOS dias, as crianças voltarão às aulas depois de um período de descanso. O melhor desse retorno é reencontrar os colegas, conviver e brincar com eles e até mesmo provocá-los. Isso também faz parte do relacionamento entre elas. Durante as férias, em geral, as crianças ficam sem a rotina rigorosa que a escola impõe até mesmo fora de seu espaço.

É que o horário escolar determina também os horários em casa. Horários para dormir, para acordar, para alimentar-se e para brincar, entre outros, são organizados pela família de acordo com o horário em que os filhos vão para a escola, não é verdade? Além da retomada de uma rotina nem sempre agradável para a criança, retornam também as responsabilidades com a vida escolar: lição de casa, estudo para um bom aproveitamento, aulas particulares e outras atividades complementares. E voltam também a cobrança dos pais e as próprias da criança, é claro.

Por isso é que, depois das férias, independentemente da idade, a criança passa novamente por um período de adaptação. E, nesse recomeço, muitos pais enfrentam birras, recusas, mal humor, resistências e choros que atrapalham a retomada da rotina e o cotidiano familiar, sempre marcado por horários. É preciso ter paciência porque é difícil mesmo para a criança passar de uma situação para outra quando a escolha não foi feita por ela. Quando ela está dormindo não quer acordar, quando está brincando não quer ir tomar banho e, quando está no banho, não quer sair. Haja paciência! Mas esse é mesmo o ingrediente mais importante quando se tem filhos

Há também um ponto importante que nem sempre é considerado nessas horas difíceis para os pais, que podem achar que tudo não passa de manha dos filhos. Como integrante da família, o filho é único, mesmo quando há irmãos. Todos os filhos são únicos na dinâmica familiar atual. E, acima de tudo, as crianças são o centro da família.

Agora, imagine, caro leitor, sair desse lugar privilegiado e passar a ser mais uma entre tantas outras crianças. Não, não é nada fácil para ela essa passagem do aconchego e da segurança do ambiente familiar para a impessoalidade do mundo público. Essa é uma das funções fundamentais da escola. Aliás, essa é uma das lições mais difíceis para a criança: a entrada no mundo público. Difícil, mas absolutamente necessária.

Na experiência de ser mais uma, a criança tem vantagens e desvantagens. Ela vivencia, por exemplo, relacionamentos em que o afeto não é o eixo central. Por mais que isso possa parecer ruim, saiba, leitor, que é muito bom! Os afetos familiares são fundamentais, mas também pressionam, exigem, cobram. Livrar-se deles por um período do dia é estruturante também para a criança. Por outro lado, participar de um grupo de adultos e de pares que a criança não escolheu pode ser incômodo. Mas assim será a vida dela num futuro próximo e, por isso, é tão importante que ela aprenda a viver por conta própria no ambiente social.

É por isso que muitas crianças expressam, de maneiras diversas, algum desgosto no retorno às aulas. E é por isso também que os pais precisam ser pacientes, compreensivos e amorosos na situação, porém firmes e confiantes de que o filho conseguirá superar sua dor. E a escola deve realizar essa transição docemente. Aprender e crescer doem, mas ninguém deve permanecer na infância além do tempo próprio dela, não é?

ROSELY SAYÃO é psicóloga e consultora em educação, fala sobre as principais dificuldades vividas pela família e pela escola no ato de educar e dialoga sobre o dia-a-dia dessa relação. **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Julho de 2013.**

Hedonistas? (CONTARDO CALLIGARIS)

O PAPA Francisco, quando era o cardeal Jorge Bergoglio, de Buenos Aires, conversava de religião com o amigo rabino Abraham Skorka. Os diálogos estão agora num livro, que, no Brasil, acaba de sair, "Sobre o Céu e a Terra" (editora Paralela).

Os dois religiosos tratam de matérias escabrosas - as quais não são apenas contracepção, células-tronco, divórcio, aborto e casamento gay, mas também as questões que desafiam a fé de qualquer um: por que a presença do mal no mundo? Deus é apenas uma resposta fantasiosa a nosso mal-estar psíquico? A religião foi inventada para servir de ópio dos

povos? Como ambos são decididos a parecerem simpáticos e razoáveis, o texto é agradável e um pouco previsível. Não que eu esperasse grandes viradas teológicas: de qualquer forma, um livro para o grande público não seria o lugar para isso. Mas esperava mais ousadia no pensamento.

Alguém dirá que ousadia não é coisa para papa - citação de Francisco na orelha do próprio livro: "A verdade religiosa não muda, mas se desenvolve e vai crescendo". Sinto muito, a igreja tem uma história (muitas vezes sangrenta) de mudanças. Só para dar uma ideia, nos 2.000 anos desde que os apóstolos se reuniram em Jerusalém:

- Faz só 1.700 anos que acreditamos que o Pai e o Filho teriam a mesma natureza;
- Faz menos de 1.600 que acreditamos na maternidade divina de Maria, e por volta de 1.400 que acreditamos na perpétua virgindade da mesma;
- Faz apenas um pouco mais de 800 anos que o celibato se tornou obrigatório para o clero, e menos ainda que confissão e comunhão se tornaram obrigatórias uma vez por ano, na Páscoa;
- Faz por volta de 600 anos que a gente inventou o Purgatório;
- E é só desde 1870 que o papa é dogmaticamente infalível.

À vista dessa história de reviravoltas, em que cada um pode se tornar herético (o que, hoje, no máximo, vale uma excomunhão sem grande interesse, mas, no passado, acarretou consequências fatais para muitos), ninguém sabe as surpresas que nos reserva a igreja de amanhã.

Quanto a mim, espero há tempos a reabilitação dos cátaros, que são minha seita preferida (exterminada no século 12). Eles tinham a melhor solução teológica ao problema do mal na Terra e da estupidez dos homens: basta pensar que o mundo seja criação do diabo, e não de Deus. Enfim, entre os muitos assuntos ao redor dos quais papa Francisco e o rabino Skorka concordam, um capturou minha atenção. Francisco diz "nesta civilização consumista, hedonista, narcisista...", e o rabino Skorka, "...em uma concepção hedonista da vida, egocêntrica, ególatra".

Embora o papa e o rabino não desprezem todos os prazeres terrenos (isso significaria desprezar a criação - pecado gravíssimo), ambos parecem convergir com um clichê dos críticos culturais contemporâneos, considerando que "hedonismo" é palavra: a procura do prazer como bem único ou supremo parece ser o que eles menos gostam na nossa época. No Rio, aliás, Francisco mencionou o prazer entre os "ídolos" que nossa época colocaria no lugar de Deus. Algumas notas.

1) A correlação entre hedonismo e egoísmo é, no mínimo, problemática. Exemplo. Quem é mais egoísta? Alguém que se priva de toucinho na sexta-feira para ganhar o Paraíso? Ou alguém que transa quanto mais puder, sempre achando que o que ele mais gosta é ver sua parceira ou seu parceiro gozar?

2) Uma cultura que, de maneira quase unânime, não para de lamentar seu "hedonismo", só pode ser radicalmente anti-hedonista, ou seja, oposta ao prazer como bem. É fácil constatar que inclusive os que acreditam na existência de uma alma imortal sentem a finitude da vida; agora, é espantoso que, mesmo assim, o prazer continue tendo, para nós, uma conotação moral negativa. E a renúncia ao prazer (seja ela para satisfazer a Deus ou ao médico higienista), uma conotação moral positiva.

3) Nos três grandes monoteísmos, o prazer é facilmente culpado ("não se cansem de pedir perdão", encorajou papa Francisco). Alguém dirá que isso acontece sobretudo no cristianismo porque Deus se manifestou pelo sofrimento e não pelo prazer de seu filho. Essa é uma visão teológica à qual não sei contribuir. Mas a questão cultural correspondente é: o que fez o sucesso de uma religião que se fundou na ideia da paixão necessária do filho de Deus e, por consequência, na ideia de que o sofrimento e a renúncia ao prazer, de alguma forma, ganham pontos?

4) Só para lembrar: não era assim entre os pagãos, nem entre os libertinos dos séculos 16, 17 e 18.

CONTARDO CALLIGARIS é psicanalista, doutor em psicologia clínica e escritor. Ensinou Estudos Culturais na New School de NY e foi professor de antropologia médica na Universidade da Califórnia em Berkeley. Reflete sobre cultura, modernidade e as aventuras do espírito contemporâneo (patológicas e ordinárias). **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Agosto de 2013.**

Meninas domésticas: ninguém sabe, ninguém viu (CRISTIANE SEGATTO)

Enquanto a nova lei garante os direitos das empregadas adultas, crianças cuidam da cozinha

A PARTIR de que idade o trabalho é aceitável socialmente? A resposta varia de acordo com o contexto histórico e econômico. No início do século XX, meu bisavô italiano chegou famélico ao porto de Santos e foi trabalhar por quase nada nas fazendas do interior de São Paulo. Meu avô nasceu em 1910, mas o documento informa que ele é de 1906. Mentir a idade dos filhos para que eles pudessem começar a trabalhar mais cedo era um cambalacho corriqueiro entre os imigrantes pobres.

Forte como um touro, meu avô fez trabalho braçal desde a infância. Rapazote, já casado e morando na capital, transportava lenha em carro de boi para abastecer os fornos de grandes indústrias. Estudou até a quarta série. Meu pai progrediu um pouquinho mais. Chegou à oitava série e sempre fez trabalho administrativo. Aos 14 anos, estava empregado como office-boy. Tentei seguir o bom exemplo, mas aos 14 anos ninguém queria me dar emprego. Meu primeiro posto, com carteira assinada e todos os direitos legais, foi conquistado aos 16 anos. Trabalhava numa biblioteca universitária, o melhor dos mundos para quem sonhava ser jornalista. Estudava à noite, em escola pública. Alcancei o mestrado.

Minha filha estuda em escola particular. Aos 13 anos, me pergunta de que forma poderia ganhar algum dinheiro sem prejuízo da saúde e dos estudos. Quer ser independente como a mãe e fazer uma poupança para morar no Exterior. A disposição para o trabalho é uma qualidade que os pais devem estimular. Não tenho a menor intenção de poupar minha filha do trabalho indefinidamente. Primeiro, os garotos que viviam com conforto começavam a trabalhar depois do ensino médio. Em seguida, essa fase foi postergada para depois da faculdade. Agora, ela vem depois da pós-graduação. Onde isso vai parar?

Ter começado a trabalhar cedo não me trouxe qualquer prejuízo físico, emocional ou educacional. Trabalho faz bem, desde que seja trabalho – e não exploração. Tive a sorte de conseguir cedo, e de acordo com a lei, um emprego que contribuiu para minha formação intelectual. Poucos adolescentes trabalhadores têm essa chance. Minha família é um exemplo da ascensão social ocorrida no Brasil nas últimas décadas. O país melhorou. Nos últimos 20 anos, o Brasil registrou crescimento de 24% no Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), segundo a Organização das Nações Unidas. Passou de 0,59 em 1990 para 0,73 em 2012. No ranking geral dos países (do melhor ao pior IDH), o Brasil ocupa a 85ª posição. O índice é baseado em três dimensões: vida longa e saudável, acesso ao conhecimento e padrão de vida decente.

Há poucos meses, um acontecimento relacionado ao trabalho e ao padrão de vida decente foi saudado como marco civilizatório. Depois de muito atraso, as empregadas domésticas conquistaram os mesmos direitos dos demais trabalhadores. Foi um avanço, mas a lei não garante direitos trabalhistas a uma categoria ainda mais vulnerável: a das meninas e adolescentes que fazem trabalho doméstico. Sobre essa categoria, ninguém sabe, ninguém viu. É proibido empregar menores de 18 anos nos serviços domésticos, mas essa é uma prática corriqueira e culturalmente aceita em algumas regiões do Brasil. Uma avaliação feita a partir de dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), do IBGE, revela a extensão do problema: 258 mil pessoas de 5 a 17 anos estavam ocupadas nos serviços domésticos em 2011. Em 2008, havia 325 mil trabalhadores nessa faixa etária.

A redução de 67 mil casos foi considerada pouco expressiva pelo Fórum Nacional de Prevenção e Erradicação do Trabalho Infantil. Em 2008, um decreto do então presidente Lula incluiu o trabalho doméstico na lista das piores formas de trabalho infantil. “Apesar do decreto, o Brasil não adotou medidas para combater esse problema como deveria”, diz Isa Oliveira, secretária-executiva da entidade. Do total de crianças e adolescentes que fazem serviços domésticos, 39,8% estão no Nordeste e 25,9% no Sudeste. Depois vêm Norte (13,8%), Sul (13,5%) e Centro-Oeste (7%). O maior crescimento ocorreu no Rio Grande do Norte. Em 2008, 6% da população de 5 a 17 anos estava ocupada nessa atividade. Em 2011, a proporção havia subido para 15,1%.

No Maranhão, apenas na faixa de 10 a 13 anos, o número de meninas empregadas em serviços domésticos aumentou de 1.795 (em 2008) para 5.910 (em 2011). No estado do Rio de Janeiro, também houve crescimento: de 8.712 (em 2008) para 10.421. Entre as regiões metropolitanas, Fortaleza apresentou a pior situação: 6.050 pessoas de 5 a 17 anos fazendo trabalho doméstico. A situação pode piorar. Diante da dificuldade de contratar uma empregada adulta (mais cara e rara no mercado), a classe média pode se sentir tentada a adotar a mão-de-obra adolescente. “Esse risco existe, mas quem fizer isso estará descumprindo a lei duas vezes”, diz Isa Oliveira. Em muitos casos, principalmente nas periferias das grandes cidades, quem emprega uma criança ou adolescente é uma empregada doméstica adulta. Ela sai para trabalhar num bairro de classe média e deixa uma menina cuidando da casa e dos filhos.

É uma solução caseira e ilegal que se reproduz onde falta creche, escola, saúde e oportunidades. Crianças e adolescentes que trabalham nessas condições não vão à escola ou não conseguem concluí-la com sucesso. Sofrem danos físicos e emocionais. Esforços intensos, exposição ao fogo, movimentos repetitivos, sobrecarga muscular, isolamento, abuso físico, psicológico e sexual. Enquanto isso existir, o Brasil continuará bem longe do primeiro time no ranking de desenvolvimento humano.

CRISTIANE SEGATTO é Repórter especial, faz parte da equipe de ÉPOCA desde o lançamento da revista, em 1998. Escreve sobre medicina há 17 anos e ganhou mais de 10 prêmios nacionais e internacionais de jornalismo. **Revista ÉPOCA, Julho de 2013.**

A educação no país do futebol (MARIA ALICE SETUBAL)

O PAÍS do futebol ouviu milhares de cidadãos clamando nas ruas por uma "educação padrão Fifa". Um primeiro olhar aos dados educacionais dos últimos dez anos nos permite comemorar o acesso ao ensino fundamental de 98% das crianças e adolescentes de 7 a 14 anos. Sem dúvida, os dados mostram um enorme salto para uma educação de acesso quase universal.

No entanto, um olhar mais atento revela que ainda estamos longe de oferecer uma educação de qualidade. O esforço e o investimento do governo federal com o programa de alfabetização na idade certa é um indicador disso. Ou seja, ainda não resolvemos questões básicas para que nossa população esteja preparada para exercer sua cidadania. De um lado, temos um maior acesso à educação, não só ao ensino fundamental, como também aos ensinos médio e superior. A maioria dos jovens que ingressaram na faculdade nos últimos anos consiste na primeira geração da família a estudar um curso superior. Além disso, pesquisas comprovam que quanto maior o grau de instrução, maior o nível salarial.

Por outro lado, as novas gerações querem protagonizar suas vidas, buscam mais autoria, diálogo e participação direta nos rumos da sociedade. Os jovens demandam novas estratégias de democracia direta. Escutar o clamor das ruas por melhores condições de educação significa descortinar os vários entraves educacionais no Brasil, de modo que se possa superar o desafio de atender demandas de curto prazo, sem perder o contexto histórico e estrutural do país.

Nesse sentido, destaco dois aspectos que ainda entravam a melhoria da educação no Brasil. Primeiro, as excludentes desigualdades educacionais: regionais (Norte/Nordeste de um lado e Sul/Sudeste de outro), entre a educação no campo e nas cidades e ainda as enormes diferenças entre as escolas situadas em regiões centrais e as da periferia das grandes cidades. Segundo, a defasagem entre o currículo escolar e o mundo vivido cotidianamente pelas crianças, adolescentes e jovens.

O mundo contemporâneo exige uma educação que incorpore não apenas as novas tecnologias, mas também os temas da cidadania e que afetam o planeta. Sustentabilidade, equidade social, participação política, mobilidade urbana, empreendedorismo. Além de novos valores como cooperação, respeito, diálogo e cultura de paz. As metodologias de ensino e aprendizagem precisam privilegiar o aprender fazendo, os games e as simulações. E, principalmente, demandam nova organização da escola aberta à comunidade e ao mundo. Mudanças estruturais como essas dependem de se priorizar a educação como política pública nacional de fato e não somente nos discursos dos governantes.

A retórica dos políticos não convence mais os jovens que, assim como seus pais, sabem que é necessária uma educação de qualidade para alcançarem uma vida digna e bem-estar. Uma das conquistas dos milhares de jovens que foram às ruas é a instauração do debate político e social em torno da educação. As novas gerações estão colocando a questão como pauta na agenda política, econômica e social.

MARIA ALICE SETUBAL, doutora em psicologia da educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, é presidente dos Conselhos do Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária (Cenpec) e da Fundação Tide Setubal. **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Agosto de 2013.**

"Eu, presidente da Bolívia, sequestrado em um aeroporto europeu" (EVO MORALES)



A revelação, por Edward Snowden, do caráter tentacular da espionagem norte-americana não suscitou nada além de reações cautelosas dos dirigentes europeus, os quais, pelo contrário, não hesitaram em cercar o avião do presidente boliviano Evo Morales, suspeito de transportar o técnico em informática fugitivo

NO DIA 2 de julho, ocorreu um dos episódios mais insólitos da história do direito internacional: a proibição do avião presidencial do Estado Plurinacional da Bolívia de sobrevoar os territórios francês, espanhol, italiano e português, e, em seguida, meu sequestro no aeroporto de Viena (Áustria), durante catorze horas. Algumas semanas depois, esse atentado contra a vida de membros de uma delegação oficial, cometido por Estados reputados por sua democracia e respeito às leis, continua a provocar indignação: abundam as condenações de cidadãos, organizações sociais, organismos internacionais e governos do mundo todo.

O que ocorreu? Eu estava em Moscou, alguns instantes antes do início de uma reunião com o presidente Vladimir Putin, quando um assistente me alertou sobre algumas dificuldades técnicas: seria impossível chegar a Portugal, como previsto inicialmente. Contudo, quando terminou minha reunião com o chefe de Estado russo, já estava claro que o problema não tinha nada de técnico.

Desde La Paz, nosso ministro de Relações Exteriores, David Choquehuanca, conseguiu organizar uma alternativa de voo com escala em Las Palmas de Gran Canaria, na Espanha, e validou o novo trajeto. Tudo parecia em ordem, até que, quando estávamos no ar, o coronel de aviação Celiar Arispe, comandante do Grupo Aéreo Presidencial e piloto na ocasião, veio até a cabine para conversar comigo. "Paris retirou a autorização de sobrevoo! Não poderemos penetrar no espaço

aéreo francês.” Sua surpresa era menor do que sua preocupação: estávamos a ponto de passar sobre a França.

Poderíamos tentar retornar à Rússia, mas corríamos o risco de ficar sem gasolina. Diante dessa situação, o coronel Arispe contatou a torre de controle do aeroporto de Viena solicitando autorização para uma aterrissagem de urgência. Agradecemos às autoridades austríacas o sinal verde.

Instalado em um pequeno escritório colocado à minha disposição no aeroporto, conversava com meu vice-presidente, Álvaro García Linera, e Choquehuanca para decidir como proceder e, principalmente, tentar compreender as razões da decisão francesa – já que o piloto me informou também que tentara autorização da Itália para sobrevoar seu espaço aéreo e esta igualmente havia sido recusada. Foi nesse momento que recebi a visita do embaixador da Espanha na Áustria, Alberto Carnero. Ele anunciou que um novo plano de voo acabara de ser aprovado pelo espaço aéreo espanhol. A única coisa, explicou o embaixador, é que seria preciso, antes, inspecionar o avião presidencial. Era uma condição *sine qua non* para podermos partir rumo a Las Palmas de Gran Canaria.

Quando questionei as razões dessa exigência, Carnero evocou o nome de Edward Snowden, o funcionário de uma empresa norte-americana contratada por Washington para realizar alguns serviços de inteligência terceirizados. Respondi que o conhecia apenas por notícias publicadas em meios de comunicação e recordei ao diplomata espanhol que meu país respeitava as convenções internacionais: em nenhuma circunstância eu levaria alguém clandestinamente para a Bolívia.

Carnero manteve-se em contato permanente com o subsecretário de Relações Exteriores espanhol, Rafael Mendivil Peydro, que, com toda a propriedade, orientava o embaixador a insistir. “Você não tem o direito de inspecionar esse avião.

Se você não acredita no que digo, é porque está tratando o presidente do Estado soberano da Bolívia como mentiroso”, insisti de minha parte. O diplomata saiu novamente para escutar as orientações de seu superior, antes de retornar à sala. Ele me pediu, então, que o convidasse a “tomar um cafezinho” no avião. “Você está me tomando por um delinquente?”, perguntei. “Se você insistir em penetrar nesse avião, terá de fazê-lo pelo uso da força. E eu não resistirei a uma operação militar ou policial: não tenho meios para isso”. Temeroso, o embaixador descartou a opção da força, não sem precisar que, naquelas condições, ele não poderia autorizar nosso plano de voo: “Às nove horas da manhã, indicaremos se você poderá ou não partir. Daqui até lá, vamos discutir o tema com nossos amigos”, explicou. “Amigos? Mas quem são esses ‘amigos’ da Espanha aos quais você se refere? A França e a Itália, certo?” Ele se recusou a responder e se retirou.

Aproveitei o momento para discutir com a presidente argentina Cristina Fernández – excelente advogada que me guiou em relação a questões jurídicas – e com os presidentes venezuelano e equatoriano, Nicolas Maduro e Rafael Correa, ambos inquietos em relação ao episódio. O presidente Correa voltaria a me telefonar diversas vezes durante o dia para ter notícias minhas. Essa solidariedade me deu forças: “Evo, eles não têm nenhum direito de inspecionar seu avião!”, repetiam. Eu ignorava que meu avião presidencial possuía o mesmo estatuto de uma embaixada. Mas esses conselhos e a chegada dos embaixadores da Aliança Bolivariana para as Américas (Alba)¹ multiplicaram minha determinação de me mostrar firme. Não, não daríamos à Espanha ou a qualquer outro país – menos ainda aos Estados Unidos – a satisfação de inspecionar nosso avião. Sempre defenderemos nossa dignidade, nossa soberania e honra à nossa pátria, nossa pátria grande. Jamais aceitaremos chantagens.

O embaixador da Espanha reapareceu. Preocupado, inquieto e nervoso, indicou que finalmente eu dispunha de todas as autorizações para ir embora. E, enfim, decolamos. Essa proibição de sobrevoos, decretada de forma simultânea e coordenada por quatro países sob o comando único da Central Intelligence Agency (CIA) contra um país soberano com o único pretexto de que talvez transportássemos Snowden, traz para o centro do debate o peso político da principal potência imperial: os Estados Unidos. Até o dia 2 de julho (data do meu sequestro), todos compreendiam o fato de os Estados Unidos se munirem de agências de segurança com a finalidade de proteger seu território e sua população. Mas Washington ultrapassou os limites do tolerável. Violando os princípios da boa-fé e as convenções internacionais, transformou uma parte do continente europeu em território colonizado. Trata-se de uma violação de direitos humanos, uma das conquistas da Revolução Francesa.

O espírito colonial que conduziu vários países a se submeterem às suas ordens demonstra mais uma vez que, para o império, não existem limites legais, morais ou territoriais para a imposição de suas vontades. Agora, está claro para o mundo inteiro que, para uma potência como essa, qualquer lei pode ser transgredida; qualquer soberania, violada; qualquer direito humano, ignorado. A potência dos Estados Unidos reside, sem dúvida, em suas forças armadas, implicadas em diversas guerras de invasão e apoiadas por um aparato militar-industrial fora do comum. As etapas de suas intervenções são conhecidas: após as conquistas militares, a imposição do livre-comércio, de uma concepção particular de democracia e, finalmente, a submissão das populações à voracidade das multinacionais. As marcas indelévels do imperialismo, seja ele militar ou econômico, desfiguraram o Iraque, o Afeganistão, a Líbia, a Síria. Alguns foram invadidos sob o pretexto de suspeita de fabricação de armas de destruição em massa, outros por supostamente abrigar organizações terroristas – mas, de forma geral, são países onde milhares de seres humanos foram assassinados sem que a Corte Penal Internacional estabelecesse qualquer processo.

No entanto, a potência norte-americana também se funda em dispositivos subterrâneos destinados a propagar o medo, a chantagem e a intimidação. Entre as receitas usadas por Washington para manter seu estatuto, destaca-se a “punição exemplar”, no mais puro estilo colonial que conduziu à repressão dos indígenas de Abya Ayala.² Essa prática recai, atualmente, sobre os povos que decidiram se libertar e sobre os dirigentes políticos que resolveram governar para os mais humildes. A memória dessa política da punição exemplar ainda está viva na América Latina: basta pensar nos golpes de

Estado contra Hugo Chávez na Venezuela em 2002, contra o presidente hondurenho Manuel Zelaya em 2009, contra Correa em 2010, contra o presidente paraguaio Fernando Lugo em 2012 e, claro, contra nosso governo em 2008, sob a liderança do embaixador norte-americano na Bolívia, Philip Goldberg.³ “O exemplo”, para que indígenas, operários, camponeses, movimentos sociais não ousem levantar a cabeça contra as classes dominantes. “O exemplo”, para dobrar os que resistem e para aterrorizar aos outros. Mas um “exemplo” que, hoje, incita os humildes do continente e do mundo inteiro a redobrar seus esforços de unidade para fortalecer suas lutas.

O atentado do qual fomos vítimas revela as duas faces de uma mesma opressão, contra a qual os povos decidiram se revoltar: o imperialismo e seu gêmeo político e ideológico, o colonialismo. O sequestro do avião presidencial boliviano e de seu equipamento – episódio que estimamos ser impensável no século XXI – ilustra a sobrevivência de uma forma de racismo no seio de certos governos europeus. Para eles, os indígenas e os processos democráticos ou revolucionários nos quais se engajam representam obstáculos na via da civilização. Esse racismo se refugia na arrogância das explicações “técnicas” mais ridículas para maquiagem uma decisão política nascida em um escritório de Washington. Eis governos que perderam até a capacidade de se reconhecer como colonizados e tentam proteger a reputação de seu mestre...

Quem diz império, diz colônias. Ao optarem por obedecer às ordens dadas, certos países europeus confirmaram seu estatuto de submissos. A natureza colonial da relação entre os Estados Unidos e a Europa se intensificou depois dos atentados de 11 de setembro de 2001, e foi revelada em 2004, quando o mundo soube da existência de voos ilícitos de aviões militares norte-americanos transportando supostos prisioneiros de guerra para Guantánamo ou em direção a prisões europeias. Hoje, sabe-se que esses “terroristas” foram submetidos à tortura – realidade que até as organizações de defesa dos direitos humanos escamoteiam. A guerra contra o terrorismo reduziria a velha Europa à condição de colônia; um ato pouco amistoso, a saber, hostil, que pode ser analisado como uma forma de terrorismo de Estado – pois permite que a vida privada de milhões de cidadãos seja colocada à mercê dos caprichos do império.⁴

O descrédito para o direito internacional que nosso sequestro representa talvez constitua um ponto de ruptura. A Europa deu nascimento aos ideais mais nobres: liberdade, igualdade, fraternidade. Contribuiu amplamente para o progresso científico e para a emergência da democracia. E agora não passa de uma figura pálida dela mesma: um neo-obscurantismo ameaça os povos de um continente que, há alguns séculos, iluminava o mundo com suas ideias revolucionárias e suscitava a esperança.

Nosso sequestro poderia oferecer a todos os povos e governos da América Latina, Caribe, Europa, Ásia, África e América do Norte a ocasião única de constituir um bloco solidário condenando a atitude indigna dos Estados implicados nessa violação do direito internacional. Trata-se, igualmente, de uma ocasião ideal para reforçar as mobilizações de movimentos sociais em vias de construir outro mundo, de fraternidade e complementaridade. Essa tarefa cabe aos povos. Estamos certos de que os povos de todo o mundo, notadamente os da Europa, ressentem a agressão da qual fomos vítimas e se sentem afetados por ela. E interpretamos essa indignação como uma forma indireta de pedido de desculpa que os governos responsáveis ainda se recusam a fazer.⁵

1 Da qual são membros Antígua e Barbuda, Bolívia, Cuba, República Dominicana, Equador, Nicarágua, São Vicente e Granadinas, e a Venezuela. (Todas as notas são da redação.)

2 Nome dado pelas etnias kunas no Panamá e Colômbia ao continente americano antes da chegada de Cristóvão Colombo. Em 1922, esse nome foi escolhido pelas nações indígenas da América para designar o continente.

3 Ler Hernando Calvo Ospina, “Petit précis de déstabilisation en Bolivie” [Pequeno indício de desestabilização na Bolívia], Le Monde Diplomatique, jun. 2010.

4 Ler Maurice Lemoine, “L’homme qui menaçait les États-Unis” [O homem que ameaçava os Estados Unidos], Le Monde Diplomatique, maio 2009.

5 No dia 10 de julho de 2013, Madri apresentou suas desculpas oficiais a La Paz.

EVO MORALES é Presidente do Estado Plurinacional da Bolívia. Ilustração: Samuel Casal. **Jornal LE MONDE DIPLOMATIQUE BRASIL, Agosto de 2013.**

Mr. Obama não vai curtir (SANDRA MURAKI)

UMA “nova concorrência” parece deixar os jornais perplexos: as redes sociais e os buscadores. A disputa da mídia impressa pelos leitores na internet tem sido um dos grandes desafios da indústria da comunicação. Como fazer jornalismo nesse meio e como distribuí-lo? Como implementar novas tecnologias? Qual é o conteúdo que o leitor deseja encontrar?

São perguntas de difíceis respostas, que demandam investimentos e criatividade. Mas, nesse campo, a despeito dos desafios lançados, os jogadores jogam de igual para igual. As redes sociais ganharam forte adesão, especialmente no Brasil, e tornaram-se grandes difusoras de informações, a ponto de terem sido um dos meios mais utilizados por movimentos sociais na mobilização das recentes manifestações no país.

Ao mesmo tempo, com base nessa afluência e influência, essas empresas foram construindo estratégias comerciais de venda de publicidade. Com conteúdo, público, espaço qualificado e tecnologia, passaram a ser uma alternativa atraente de mídia publicitária. Pesquisas mostram o crescimento do investimento publicitário na internet e o avanço dos portais, redes e buscadores sobre fatias dos demais meios. No primeiro bimestre deste ano, por exemplo, os anunciantes investiram mais na

internet do que em revistas. O faturamento nesse meio ainda é muito inferior ao dos jornais impressos, mas é crescente, enquanto que, para a imprensa de papel, o cenário é de crise. Isso explica em grande parte a ofensiva que a imprensa vem fazendo contra a "nova concorrência".

Entretanto, os jornais não assumem a discussão sob esse ângulo. Preferem questionar a seriedade com que as redes sociais protegem as informações dos usuários. Lançam suspeitas sobre o fornecimento dos dados a serviços de inteligência, atacam as políticas de uso. Criticam os usuários, chamando-os de "bobos" por produzirem conteúdo gratuito para as redes e disporem tantas informações pessoais. Mas os jornais também estão nas redes, oferecem informação de graça e dispõem para os administradores das redes, também de graça, quem são seus seguidores, que notícias compartilham, como trafegam. Os dados dos usuários parecem ser o grande achado das redes sociais. Pela atividade das pessoas, seus comentários, fotos de família, viagens, animais de estimação, festas e pratos preferidos, e "curtidas", as redes detêm um conhecimento de seu público que nenhum jornal tem de seu leitor de internet - e que dificilmente terá. As empresas jornalísticas não dispõem da mesma poderosa tecnologia das empresas de redes sociais, nem de recursos, nem mais de tempo para construir algo semelhante e enfrentar essa concorrência.

Além disso, o foco prioritário dos jornais é produzir conteúdo e veiculá-lo na tecnologia disponível ou na que pode ser desenvolvida para tal finalidade. Ao mesmo tempo, as redes sociais, também dentro do seu foco, estão em pleno desenvolvimento de ferramentas que vão refinar ainda mais o conhecimento dos seus usuários para os anunciantes. É uma disputa desequilibrada pelas mesmas verbas publicitárias e um ponto de inflexão, que vai além da discussão do futuro da imprensa.

Essa fragilidade a que as empresas jornalísticas estão expostas, contudo, não é responsabilidade dos usuários das redes. A nós foram dados uma fantástica forma de estabelecer relacionamentos e um canal de expressão que nenhum meio de comunicação já pode proporcionar. As pessoas usam as redes conscientes da exposição a que se submetem voluntariamente. Não parece sensato que mr. Obama tenha interesse nos nossos posts, nas nossas fotos. Quem tem interesse nisso está muito mais perto de nós. E os incomodados que se retirem.

SANDRA MURAKI, 52, jornalista, é coordenadora do Projor (Instituto para o Desenvolvimento do Jornalismo)/Observatório da Imprensa. **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Agosto de 2013.**

China, Índia e a globalização obsoleta (CANDIDO MENDES)



ESTE ANO crítico de 2013 será marcado pelo epítáfio da Primavera Árabe, na desmoralização em que ora mergulha o Egito, com a prisão de Mohammed Mursi, contra todos os cânones mais elementares do Estado de Direito. Desnecessário atentar-se ao colapso de qualquer progresso institucional na Líbia pós-Kadafi. E a Síria passou a ser um cenário devastado da nova guerra fria, num contraponto entre o Irã e o conluio ocidental das rebeldias no Oriente Médio.

É como se se removesse, de qualquer forma, todo esse protagonismo emergente na área, suscitado pelos primeiros conflitos tunisianos pela democracia. Nesse contexto esvaziado, perguntar-se-ia pela dita nova globalização não

hegemônica, na expectativa da tomada de cena pelos Brics. No seu centro, encontra-se a relação entre a China e a Índia e, de logo, a pergunta e o espanto: ambas controlam quase a metade da população mundial e continuam a se dar as costas?

Não se trata da mera demora na distribuição de possíveis e futuras áreas de influência. Mesmo porque ambas as nações-continente sempre se viram voltadas para a imensidade do seu interior, cujas culturas mal se abalam pelo progressismo ocidental ou pela modelagem contemporânea dos Estados-nação. O peso nas suas próprias gravidades desvia o conflito das superpotências. Mas uma conferência de há poucos dias entre representantes de Estado de ambos os países mostra o quase vácuo da agenda China-Índia, numa quase demissão do que sejam esses papéis diante da nova globalização.

Um efeito fundamental dessa medida seria a maior fluidez do trânsito. Os ônibus passariam a circular com maior velocidade. Isso representaria substancial redução no seu custo de operação e, assim, viabilizaria expressiva redução no valor das passagens. Toda mudança envolve custos e coragem. Os custos são mais do que compensados pelos benefícios da eliminação dos congestionamentos. E a coragem que os manifestantes mostraram é a que pedimos para os nossos governantes.

ANDRÉ FRANCO MONTORO FILHO, 69, doutor em economia pela Universidade Yale (EUA), é professor titular de economia do setor público da USP. Foi secretário estadual de Economia e Planejamento de SP (1995-2002) e presidente do BNDES (1985-1988). **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Agosto de 2013.**

Machado de Assis encontra Nietzsche (SÉRGIO RODRIGO MÉLEGA)



Cada um a seu modo - um na Literatura, outro na Filosofia -, os autores da segunda metade do século XIX confrontaram valores sociais vigentes e propuseram a criação de um novo homem

O QUE HÁ em comum entre Machado de Assis (1839-1908) e Friedrich Nietzsche (1844-1900), além de terem se destacado no âmbito filosófico-literário da segunda metade do século XIX? Machado foi escritor e nasceu no Brasil. Nietzsche, filósofo, era alemão. Apesar de viverem em continentes separados e em realidades muito distintas, há similaridades e até uma possível complementaridade entre o pensamento de ambos. As palavras de Nietzsche acerca da humanidade encontram eco no homem retratado na obra de Machado de Assis.

O desdobramento disso é a maneira como ambos se relacionaram com a construção do conhecimento ao longo dos tempos. Machado de Assis deixa transparecer no curso de sua obra semelhanças com as ideias de Nietzsche sobre o pensamento grego e mesmo sobre o pensamento filosófico e suas grandes estruturas. A grande cruzada de Nietzsche contra o cristianismo e contra as religiões, por exemplo, tem seu início creditado a uma enfermidade dos gregos, o que ganha ponto de contato com as obras de Machado de Assis.

Outra semelhança entre os autores é o fato de, em sua Filosofia, Nietzsche primeiro negar para poder afirmar depois. Nega os valores até então aceitos para oferecer novos olhares sobre velhas coisas, assim como faz Machado. Essa tática é aplicada quando pretende fazer surgir um novo homem, o *Übermensch* – “super-homem”. Ele seria liberto de todas as promessas celestiais e dos valores cristãos, o que teria transformado definitivamente o curso da humanidade.

CONTRA A MORAL

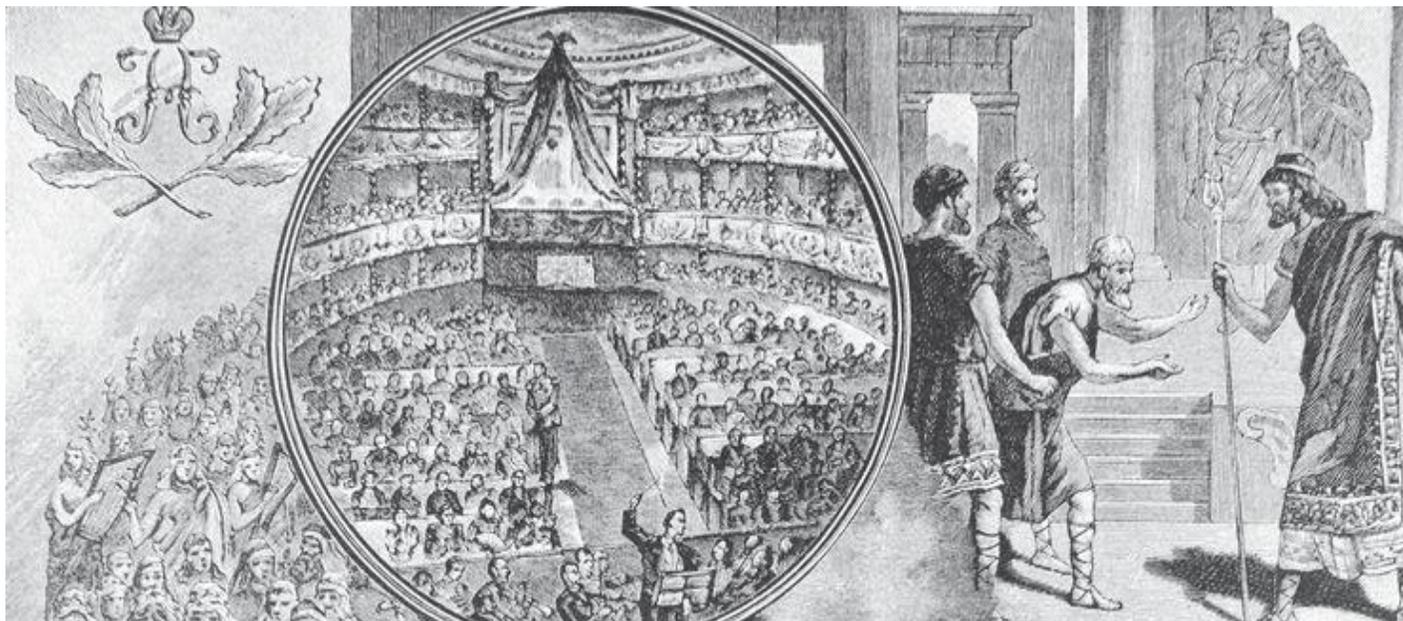
O que Nietzsche tenta mostrar é que a humanidade foi vítima de grandes equívocos que perduraram por milênios. Esses equívocos seriam a Metafísica e a Moral. É contra eles que Nietzsche propõe uma grande mudança.

É no “*ecce homo* machadiano” que mostra-se o homem que Nietzsche viu enfermo. O super-homem é esboçado na própria obra

de Machado de Assis como, por exemplo, na figura de Quincas Borba, personagem de seu livro homônimo. É curioso notar que foi na Literatura grega e não na Filosofia que Nietzsche encontrou os sinais para o entendimento sadio da humanidade.

É na tragédia grega que encontramos o “homem”. Ele está ali. Nietzsche diz: “Justo a tragédia é a prova de que os gregos não foram pessimistas”. Lidando com as suas misérias, com sua própria natureza inclinada tanto ao vício quanto à virtude. Nas palavras de Nietzsche, vícios e virtudes não são contradições, mas legítimas manifestações do homem. O homem não pode negar sua própria carne e suas inclinações, não pode negar a vida.

As grandes tragédias gregas trazem os dilemas humanos e, geralmente, têm desfechos ruins. Nietzsche crê que devemos nos apropriar deles, não ficarmos indiferentes, não abandoná-los: “Guardar na honra aquilo que acaba dando errado, tanto mais pelo fato de ter dado errado, isso está bem mais perto de fazer parte da minha moral”.



As tragédias gregas, segundo Nietzsche, revelam um real entendimento do homem: um ser portador de uma natureza inclinada tanto ao vício quanto à virtude, manifestações das quais não pode esquivar-se

A trajetória de **Machado de Assis**

Um dos maiores escritores brasileiros de todos os tempos, Joaquim Maria Machado de Assis (1839-1908) nem chegou a frequentar a escola regularmente. Pobre, epilético e neto de escravos alforriados, sempre teve grande interesse pela leitura e conseguiu instruir-se por conta própria. Seus primeiros versos foram publicados aos seus 16 anos, no jornal *A Marmota* época em que trabalhava como aprendiz em uma tipografia. Mas Machado só veio a ser reconhecido como um bom escritor na década de 1870, fase em que ainda publicava obras ligadas à Literatura romântica. A grande reviravolta de sua carreira ocorreu na década de 1880, quando uma mudança de estilo e de conteúdo fundou o Realismo no Brasil. Romances como *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1881) e *Quincas Borba* (1891), mencionados nesta matéria, assim como *Dom Casmurro* (1899), outro de seus clássicos, revelam toda sua ironia e espírito crítico. É nessas obras que Machado de Assis faz uma profunda reflexão sobre a sociedade brasileira e os valores do homem que nela vive. Por ter escrito em português, seu reconhecimento internacional foi mais tardio. Só no final do século XX suas obras foram traduzidas para outros idiomas, como o inglês, o francês, o espanhol e o alemão, o que despertou interesse mundial e o alçou ao posto de um dos grandes nomes do Realismo.

Ficou para nós um sentido negativo da palavra tragédia: as grandes desgraças, a morte e as doenças são acontecimentos que recusamos e queremos longe de nossas vidas – como se fosse possível viver alheio a eles. A isso Nietzsche chama de antinatureza humana – o estranhamento do homem aos acontecimentos da vida. Temos a noção moral da recompensa: aos bons lhes ocorrem coisas boas; aos ruins, a vida lhes mostrará a paga algum dia. Os conceitos de culpa e de merecimento se encaixam em silogismos morais. Quando não percebemos relações entre pessoas e destinos ruins, as creditamos à tragédia.

Para percorrer todo esse caminho de encontrar nos personagens machadianos o homem e o super-homem de Nietzsche, pode-se recorrer a seus romances e contos. Há um pensamento filosófico na obra de Machado de Assis que se deixa revelar em seus personagens e que pode ser relacionado à obra filosófica de Nietzsche. Ele transparece especialmente nas vozes dos narradores de suas obras. Há, também, outro aspecto, esse histórico-social. Ao retratar o homem do século XIX, Machado de Assis descreve um minicosmos da humanidade que Nietzsche quer ver transformada.

Nietzsche pretende afirmar a vida contra a moral – em especial contra a moral cristã. Machado de Assis, de forma semelhante, encontra justificativas para tudo o que é reprovável no espírito humano. Usando o cinismo como recurso, o escritor pretende reabilitar a vida de seu caráter perverso. Nietzsche sabe que afirmar é assumir aquilo que até então é inaudito, condenável, deplorável. E Machado de Assis passeia pelo teatro da vida, desvendando essa fina capa que os homens usam em sociedade para esconder suas próprias hipocrisias. Por vezes eles se complementam. Aquilo que um diz, o outro exemplifica.

Machado dá caráter de normalidade aos instintos mais puros dos seres humanos, que só podem ser vistos como normalidade dentro de sua estratégica ironia. Nietzsche condena a sociedade ocidental, desde seus primórdios, por ter abandonado o seu lado dionisíaco.



Devastações e mortes provocadas por um tornado vão contra silogismos morais, como as ideia de culpa e de merecimento. Nietzsche mostra como tragédias naturais rompem com a crença de que a pessoas de bem ocorreriam coisas boas e, aos maus, castigos

Mas não seria o filósofo Quincas Borba um discípulo de Zaratustra? Nietzsche fala de *pathos* trágico; Borba nos fala de reabilitar a dor e de retificar o espírito humano. Em sua teoria filosófica, o Humanitismo, Borba nos mostra como a frugalidade e as pequenas sensações da vida estão de acordo com as grandes intenções filosóficas:

“Venha para o Humanitismo, ele é o grande regaço dos espíritos, o mar eterno em que mergulhei para arrancar de lá a verdade. Os gregos faziam-na sair de um poço. Que concepção mesquinha! Um poço! Mas é por isso mesmo que nunca atinaram com ela. Gregos, subgregos, antigregos, toda a longa série dos homens tem se debruçado sobre o poço, para ver sair a verdade, que não está lá. Gastaram cordas e caçambas; alguns mais afoitos desceram ao fundo e trouxeram um sapo. Eu fui diretamente ao mar. Venha para o Humanitismo.”

NIETZSCHE DIZ QUE NOBRES SENTIMENTOS CRISTÃOS, COMO O AMOR AO PRÓXIMO, SÃO FRAQUEZAS. ZARATUSTRAS FOI “TENTADO” POR TAIS SENTIMENTOS, MAS RESISTIU A ELES

Nietzsche diz que a grandiosidade dos gregos estava no milagre entre o dionisíaco e o apolíneo. E chama de antigregos aqueles que vieram a partir de Eurípedes, um dos autores de tragédias gregas. Suas críticas seriam por colocarem a racionalidade como elemento principal do conhecimento.

O SUPER-HOMEM de Nietzsche passa pela recriação dos valores, pela superação do niilismo, pela reavaliação de ideias velhas e a criação de ideias novas, pela sede de poder e por um processo contínuo de superação. Ele se guia apenas por sua energia e por sua vontade de poder, sem se acorrentar a valores morais.

As palavras de Nietzsche soam como as de um profeta a quem lhe é dada a grande revelação: “Alguém tem uma ideia precisa, no final do século XIX, sobre o que os poetas de épocas fortes chamavam de inspiração? Se assim não for, eu a descreverei...”. E continua: “O conceito de revelação, no sentido de que, de repente, com uma seriedade e fineza indizíveis, algo se torna visível, audível, algo capaz de sacudir e modificar uma pessoa no mais profundo de seu ser”.



Nietzsche desconfia dos "impulsos desinteressados" e elenca entre as virtudes verdadeiramente nobres a superação da piedade

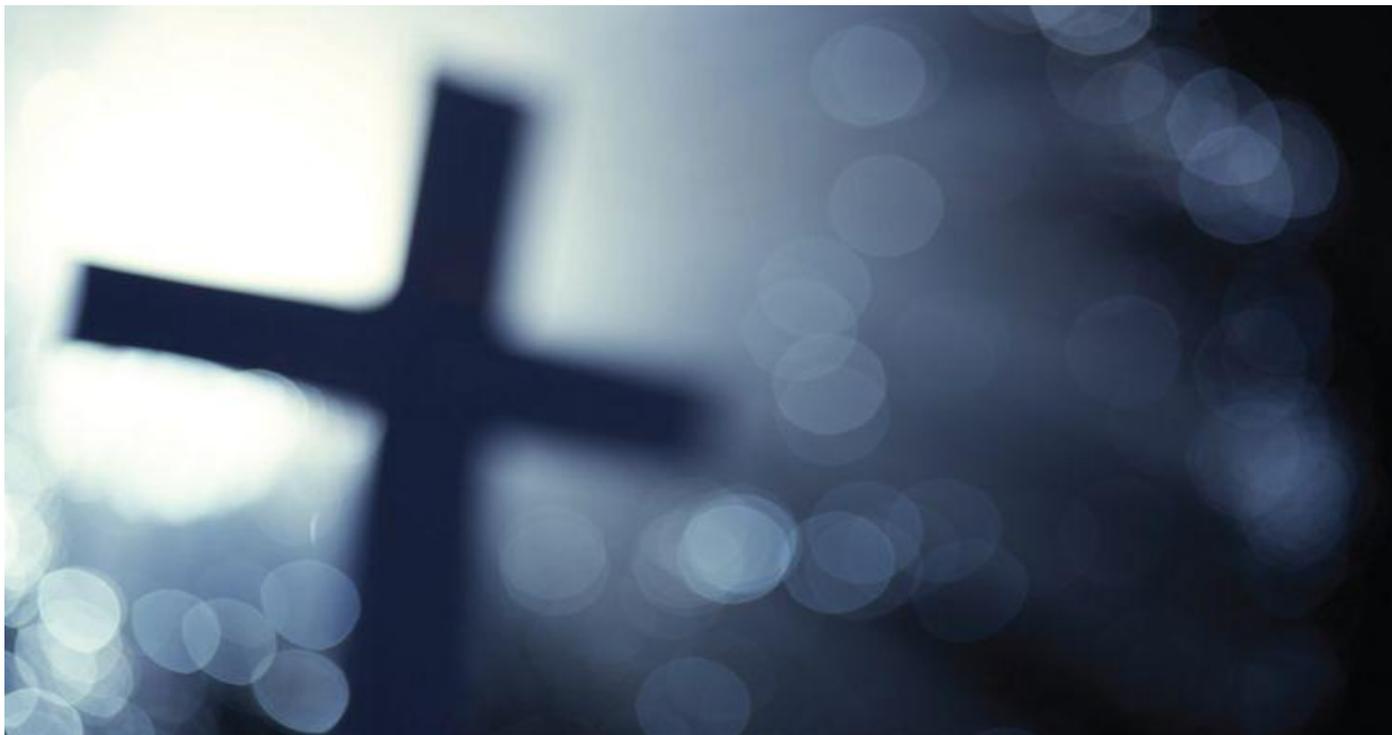


Segundo o Humanitismo, filosofia criada por Quincas Borba, a preguiça seria apenas uma manifestação necessária do homem

Nietzsche define como fraquezas de almas enfermas os nobres sentimentos cristãos, entre eles o amor ao próximo. Ele diz que Zaratustra foi "tentado" por tais sentimentos, mas resistiu a eles. "Minhas experiências me dão o direito de desconfiar, mormente no que diz respeito aos assim 'impulsos' desinteressados, de tudo aquilo que tem a ver com o 'amor ao próximo'. Para mim o amor ao próximo é nada mais do que uma fraqueza. A superação da piedade eu a coloco entre as virtudes nobres, a tentação de Zaratustra."

Para Nietzsche, o cristianismo desconstitui os seres humanos de suas verdadeiras identidades. Todos os valores cristãos são na verdade armadilhas de almas enfermas. E Machado de Assis legitima o pensamento nietzscheano. Muitos personagens de seus livros, entre eles Quincas Borba, desfilam esses antivalores dos quais nos fala o filósofo alemão. O que Machado faz é, principalmente, justificar-lhes ironicamente.

Nietzsche usa os aforismos e Machado a ironia. O universo machadiano é feito de desfaçatez, de encobrimento, de tentativas de salvar as aparências. E é para nos revelar psicologicamente esse mundo que Machado de Assis usa a ironia. Por meio de explicações de um narrador onisciente temos acesso à lógica existente por trás das ações. Por exemplo, no famoso episódio do enterro de Brás Cubas, o defunto autor nos revela que os seus 11 amigos que lhe foram prestar as últimas homenagens, sinceros amigos, o fizeram em verdade por benefícios recebidos, benefícios pecuniários.



Nietzsche, assim como Machado de Assis, defende o desmascaramento de falsas virtudes, como os valores cristãos. O filósofo chega a explicitar que o cristianismo destitui o homem de sua identidade

Nesse mesmo livro temos a descrição do cunhado Cotrim: “Arguíam-no de avareza, e cuido que tinham razão; mas a avareza é apenas a exageração de uma virtude e as virtudes devem ser como os orçamentos: melhor é o saldo do que o déficit”. Se na verdade, com o seu olhar irônico, Machado queria antes condenar do que absolver, dando supostas explicações para as ações de seus personagens, sua crítica é antes uma crítica da própria sociedade. Isso porque as manifestações individuais são moldadas por ela.

A CRUELDADE, A INVEJA E A PREGUIÇA SERIAM APENAS MANIFESTAÇÕES NECESSÁRIAS DE HUMANITAS. PENSAMENTO QUE VAI AO ENCONTRO DA FILOSOFIA DE NIETZSCHE

No genial capítulo “Formalidade”, do livro Memórias póstumas de Brás Cubas, o narrador louva a sagacidade representada em um quadro onde seis mulheres turcas usam um véu transparente. O véu cumpre ao mesmo tempo a ordem religiosa de que as mulheres devam esconder seus rostos – afinal de contas, elas não deixam de usar os véus – e revela a beleza dessas mulheres através da transparência. Nietzsche nos diria que a vaidade é um instinto humano, ele mesmo um grande egocêntrico.

O Humanitismo de **Quincas Borba**

Uma Filosofia foi criada por um dos principais personagens de Machado de Assis, Quincas Borba. Sua descrição aparece primordialmente no romance Quincas Borba, mas o Humanitismo também é mencionado ao longo de todo o livro Memórias póstumas de Brás Cubas. Um dos principais e mais explícitos trechos a explicar tal Filosofia está no capítulo VI de Quincas Borba, quando o protagonista conversa com o personagem Rubião: “– Não há morte. O encontro de duas expansões, ou a expansão de duas formas, pode determinar a supressão de uma delas; mas, rigorosamente, não há morte, há vida, porque a supressão de uma é princípio universal e comum. Daí o caráter conservador e benéfico da guerra. Supõe tu um campo de batatas e duas tribos famintas. As batatas apenas chegam para alimentar uma das tribos que assim adquire forças para transpor a montanha e ir à outra vertente, onde há batatas em abundância; mas, se as duas tribos dividirem em paz as batatas do campo, não chegam a nutrir-se suficientemente e morrem de inanição. A paz nesse caso é a destruição; a guerra é a conservação. Uma das tribos extermina a outra e recolhe os despojos. Daí a alegria da vitória, os hinos, aclamações, recompensas públicas e todos os demais feitos das ações bélicas. Se a guerra não fosse isso, tais demonstrações não chegariam a dar-se, pelo motivo real de que o homem só comemora e ama o que lhe é aprazível ou vantajoso, e pelo motivo racional de que nenhuma pessoa canoniza uma ação que virtualmente a destrói. Ao vencido, ódio ou compaixão; ao vencedor, as batatas.

– Mas a opinião do exterminado?

– Não há exterminado. Desaparece o fenômeno; a substância é a mesma. Nunca viste ferver água? Hás de lembrar-te que as bolhas fazem-se e desfazem-se de contínuo, e tudo fica na mesma água. Os indivíduos são essas bolhas transitórias.



A luta pela vida, segundo Quincas Borba, é intrínseca ao homem e aparece até em um prato de comida – este reúne força, trabalho e, muitas vezes, submissão de outros para se conseguir o alimento

QUINCAS BORBA E ZARATUSTRA

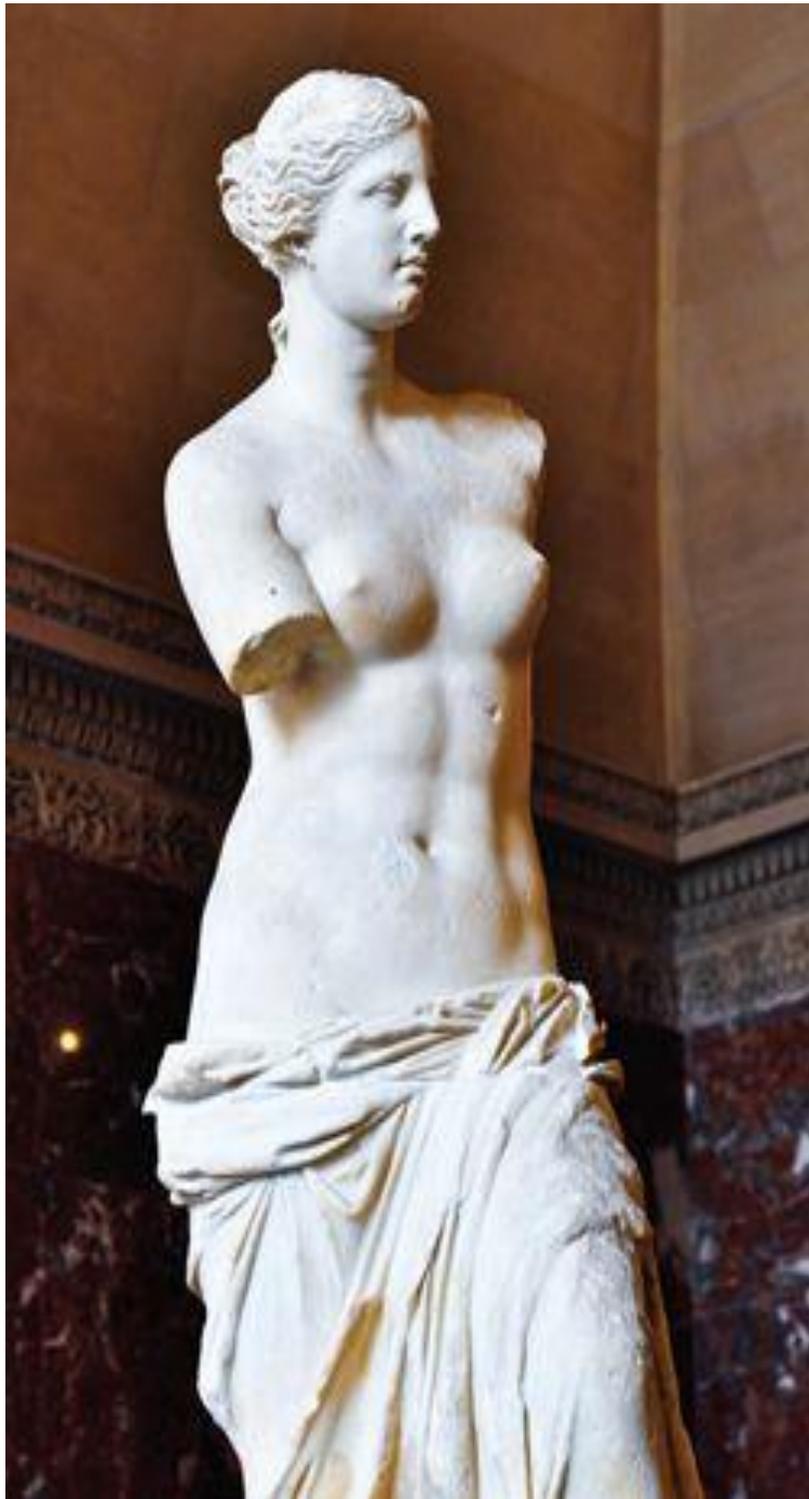
O esquema bem armado do pensamento dialético hegeliano, que inevitavelmente traz a história num processo histórico progressivo idealista, é reestruturado por Quincas Borba. Ao explicar as fases do mundo como Estática, Expansiva, Dispersiva e Contrativa, ele pretende dar conta das supostas contradições do mundo. Apresenta, então, o Humanitismo – sua Filosofia.

Quincas Borba foi um colega de classe de Brás Cubas. Eles se reencontraram no passeio público quando Quincas Borba já havia se tornado um mendigo. Neste encontro, Quincas Borba pediu algum dinheiro para o ex-colega e num abraço de despedida tomou-lhe “emprestado” o relógio. Algum tempo depois, Brás Cubas recebe uma carta de Quincas com um novo relógio, dizendo que a sua sorte havia mudado graças a uma herança e que ele gostaria também de apresentar uma nova explicação filosófica superior a tudo o que havia sido dito até então.

Quando vamos ao Zaratustra de Nietzsche, tomamos contato com alguém que estava a seis mil pés acima de todos. Nietzsche nos diz no seu *ecce homo* que tudo o que haviam dito antes dele seriam meras sombras. Segundo o filósofo alemão, o conhecimento, que na figura de Zaratustra era trazido aos homens, não tinha grau de comparação com qualquer coisa existente.

De forma semelhante, Quincas Borba diz em sua carta a Brás Cubas que, comparado ao seu pensamento, o estoicismo de Zenão e Sêneca era coisa de criança. O estoicismo é justamente uma corrente grega que se baseia no equilíbrio do homem por sua capacidade de lidar com os males da vida com resignação. Apesar de racionalista, prega uma atitude afirmativa diante de tudo aquilo que lhe é externo.

Quincas Borba discorre sobre sua Filosofia a um estupefato Brás Cubas. Afirma ser o homem parte de um todo humanitas. E a humanidade é senão partes de humanitas que têm por objetivo sua expansão no universo. Ele defende que todas as ações humanas concorrem num objetivo comum da humanidade, e que aqueles que são assolados, assim como os que assolam, nada fazem a não ser colaborar, cada um a seu modo, com essa força que lhes sobrepõe. De acordo com o Humanitismo, a vida é luta, e é melhor lutar do que não viver. A única desgraça é não ter nenhum papel nesse grande teatro. Quincas nos diz que não há mendigo que não prefira a miséria à morte.



Vênus de Milo, representação da deusa da beleza. Nietzsche explica que os valores, como a beleza, foram criados pelo homem. Ele propõe a revisão de todos os valores antigos

VIDA É LUTA. O ALGOZ QUE EXECUTA O CONDENADO É HUMANITAS QUE CORRIGE HUMANITAS. E ENTÃO TEMOS JUSTIFICATIVA PARA A FOME, A MISÉRIA, OS FLAGELOS E AS GUERRAS

A crueldade, a inveja e a preguiça seriam apenas manifestações necessárias de humanitas. Pensamento que vai ao encontro da Filosofia de Nietzsche,. Poderíamos ouvir o filósofo dizendo: me falta um critério confiável para saber o que é um sentimento de culpa. Eu não gostaria de abandonar uma ação ao seu próprio destino depois de cometê-la. A gente perde muito facilmente o olhar correto para aquilo que a gente fez quando o desfecho é ruim. Um sentimento de culpa me parece antes como um olhar maldoso.

QUINCAS BORBA, o romance, conta a história de Rubião, ingênuo rapaz que se torna discípulo e herdeiro universal do filósofo Quincas Borba sob a condição de cuidar de seu cachorro. Rubião vive na pele todo o fundamento teórico do Humanitismo.

Seja na luta de dois cães por um osso ou, como diz Quincas Borba, numa luta mais sublime entre um cão e um ser humano por um osso, vemos o movimento de luta pela vida. E, nesse último caso, o homem usa de astúcia e inteligência para sair vitorioso.

Ao saborear um pedaço de frango, ele diz ao amigo que muitas forças estiveram envolvidas nesse processo, desde a dos negros que colheram a madeira usada para produzir o barco até a dos outros homens trazidos por esse barco junto ao milho para alimentar a galinha que acabou num pedaço em suas mãos. Tudo isso é a força de humanitas a favor de si mesma.

Vida é luta, diz Quincas Borba. O algoz que executa o condenado é humanitas que corrige humanitas. E então temos justificada para a fome, para a miséria, para os flagelos e para as guerras. Se o homem se compreende participante desse grande sentido de vida verá que a dor é uma ilusão.

“Reorganizada a sociedade pelo método dele, nem por isso ficavam eliminados as guerras, a insurreição, o simples murro, a facada anônima, a miséria, a fome, as doenças; mas sendo esses supostos flagelos verdadeiros equívocos do entendimento, porque não passariam de movimentos externos da substância interior, destinados a não influir sobre o homem, senão como simples quebra da monotonia universal, claro estava que a sua existência não impediria a felicidade humana.”

Seguindo raciocínio parecido ao de Machado, em Zaratustra lemos que Nietzsche reabilita o ódio, a inveja e a guerra: “Irmão, a guerra e as batalhas são males? Pois são males necessários; a inveja, a desconfiança e a calúnia são necessárias entre as suas virtudes”. Passagem que remete às imagens: shutterstock palavras de Machado de Assis: “O vício é o estrume da virtude”.



Nietzsche é contra ideias igualitaristas ou democráticas. Como um cavaleiro valente, ele valoriza o homem liberto da moral, que se impõe por sua força e habilidade, guiando-se por sua própria vontade

Há uma tentativa, feita por Nietzsche, de rever todos os valores antigos, considerados por ele como valores “menores”, desprezíveis no ser humano: “O homem é que pôs valores nas coisas a fim de se conservar; foi ele que deu um sentido às coisas, um sentido humano. Por isso se chama ‘homem’, isto é, o que aprecia”. E segue: “Avaliar é criar valores”.

Se o homem cria os valores para si mesmo, ainda que atribua essa criação a Deus ou aos céus, para Nietzsche seria chegado um novo tempo em que todos esses valores deveriam ser questionados e revistos. Machado de Assis também traz à tona valores sociais vigentes e, com muita ironia, denigre a validade de cada um deles. Talvez Nietzsche fosse um personagem de *O Alienista* de Machado. Talvez Machado fosse o super-homem de Nietzsche. Se as distâncias não permitiram que um se desse a conhecer para o outro, suas obras no entanto dialogaram em um mundo que só começamos a descobrir.

SÉRGIO RODRIGO MÉLEGA é Bacharel em Letras – Alemão/Português – pela Universidade de São Paulo. Licenciado em Português na Faculdade de Educação da mesma Universidade. Publicou artigo acadêmico na Revista Melp e entrevistou Edgar Morin para esta Revista. E-mail: melega1@gmail.com. **Revista FILOSOFIA, Julho de 2013.**